

Auta de Sousa na Literatura Brasileira

JOSÉ VALDIVINO

Precisamos relembrar aos de hoje a Mensageira de um suave espiritualismo, dentro da literatura nacional. Mensageira e mensagem, ora esquecidas, merecem de nós expressiva e duradoura veneração.

O processo crescente de inversão dos valores, nesta segunda metade do século, conduz o mundo pensante ao silêncio sôbre lídimas virtudes da Estética nacional.

A mensageira é Auta de Sousa.

A PESSOA

Natural de Macalba, no Rio Grande do Norte, nasceu a 12 de Setembro de 1876, estudou em Pernambuco, num colégio de freiras franciscanas, perlustrou alguns lugares da sua província natal, fez versos, sofreu resignada o enfraquecimento paulatino do organismo, e a morte veio buscá-la a 7 de fevereiro de 1901.

Vida de meteóro. Mal se aproximava dos 25 anos, fechou o remigio da vida, como ave pequenina, atingida no vôo.

Órfã, doente, tendo assistido à morte de irmãos e ao incendio de sua casa, que vitimou um mano menor, — essa a trajetoria de Auta de Sousa, seu mundo inspirador, o ambiente constante, onde bebeu, no padecimento e na resignação cristã, o fluido delicadissimo da poesia.

Apegou-se a donzela martire, no seu calvário, aos Evangelhos e à cruz. Saiu-lhe, assim, da alma, em afetos e cantos, a poesia dolente, expontânea, simples, leve, de uma levesa mística, em mensagem de profundo sentido cristão.

A POESIA

Bem acertou Jackson de Figueiredo, quando, no seu ensaio «Auta de Sousa», vindo à lume na coleção «Eduardo Prado» — colocou a poetisa ao lado dos grandes espiritualistas da Literatura Bra-

sileira: Aphonsus de Guimaraens, Durval de Moraes, Pe. Antônio Tomaz e mesmo Cruz e Sousa, no que o «Cisne Negro» tem de profundamente espiritual.

Deixou-nos AUTA, como ânfora do seu espirito, o livro «HORTO», publicado em 1900, com prefácio, à vção de passáro, de Olavo Bilac.

Não desceu o parnasiano imenso à beleza intrínseca da obra, e, ficando à flôr da água, apreciação ligeira fez e sem côr.

Do livro houve duas edições, hoje completamente esgotadas. Cada página reflete a íntima «Via Crucis» da poetisa.

Os achaques constantes do organismo débil, a paz advinda da conformação cristã, o ambiente bucólico em que viveu, o carinho e a amizade dos que com ela conviveram, — tudo compõe delicado caleidoscópio de emoções várias.

Comportou-se AUTA DE SOUSA como a mística Santa Teresa: apegou-se à «Imitação».

Daí, o poêma: «NA PRIMEIRA PÁGINA DA IMITAÇÃO DE CRISTO»: — composição bellissima e valiosa, por qualquer prisma que a quisermos observar :

«Quando meu pobre coração doente,
Cheio de mágoas, desolado e aflito,
Sinto bater descompassadamente,
Abro êste livro, então: leio e medito.»

Leio e medito nesta voz celeste
Que vem do Além, qual mensageiro santo
Trazer um ramo de oliveira agreste
Aos que navegam sôbre o mar de pranto.

Meus pobres olhos sempre rasos água,
Por um instante deixam de chorar;
E nas asas da Prece a minha mágoa
Vai-se um momento para além do mar.

E dentro dálma, nua de esperança,
Eu penso ouvir, ccomo num sonho dôce
Alguém que fala numa voz tão mansa
Como se o éco de um suspiro fosse :

«Vem a mim se padeces; no meu seio
Corre a fonte serena da Alegria...
Eu sou Aquêle que sorrindo veio
Dourar as trevas da Melancolia.

Eu sou um branco e pálido sorriso
 Iluminando a tua solidão:
 Faze da minha Cruz um Paraíso
 E do meu Coração teu coração.

Faze-te humilde, humilde e pequenina,
 Como as crianças, como os passarinhos...
 Escuta e guarda a minha lei divina,
 No Sacrário ideal dos meus carinhos.

Não sabes quanto padeci no Horto,
 Por ti, por teu amor, filha querida?
 Eu sou o Anjo formoso do conforto,
 Venho trazer o bálsamo à ferida.

Carrega a tua Cruz e vem comigo
 Pela estrada da Dor e do Tormento.
 Eu serei teu irmão, teu sol, o amigo
 Que em lírios mudará o sofrimento.

Venho trazer a Paz... Longe da terra
 A Paz habita... Ao pé do Santuário
 Ó minha filha, a doce paz se encerra
 Dentro da Hóstia, dentro do Sacrário.

Felizes os que sofrem no meu seio
 Recolhem suas queixas como preces,
 Volta o pesar ao Céu de onde ele veio...
 Feliz, ó sim! feliz tu que padeces!»

.....

E a mesma vez escuto, o mesmo canto,
 De cada vez que o meu olhar unguido
 Cai docemente neste livro santo,
 Lembrança amiga de um irmão querido.

Ama tanto o meu livro, ele é tão puro,
 Consola tanto o coração aflito!
 Ah! desta vida no caminho escuro
 Ele será meu talismã bendito!

A propósito transcrevi, por inteiro, o poema, para que uma idéia bem aproximada tivéssemos do estilo de AUTA DE SOUSA, do poder de inspiração, do delicioso lirismo.

Palpavel é a espiritualidade, o sentido de fé, a confortadora mensagem de arte cristã.

O consôlo aos seus padecimentos achou-o a Autora na leitura ascética, no eonfôrto da fé católica.

A dor, em vez de desesperá-la, incentivou-a, para que dos seus lábios não saísse a apóstrofe, que é mals:nação, mas c conformar-se, é pábulo das almas eleitas.

Uma bela poesia, de verso alexandrino, donde ressuma perfume de doce piedade é — DE JOELHOS»:

«Oro de joelhos, Senhor, na terra
Purificada pelo teu pranto...
Minh'alma triste que a dor aterra
Beija os teus passos, Cordeiro Santo!

Eu tenho mêdo de tanto horror...
Reza comigo, doce Senhor!

Que noite negra, cheia de sombras,
Não foi a noite que aqui passaste?
Ó noite imensa... porque me assombros,
Tu que nas trevas me sepultaste?

Jesús amado, reza comigo...
Afasta a noite, divino amigo!»

Eu disse... e as sombras se dissiparam
Jesús descia sôbre o meu Horto...
Estrelas lindas no Céu brilhavam
Voltou-me o riso, já quase morto.

E a sua boca falou tão doce,
Como se a corda de uma harpa fosse:

«Filha adorada que o teu gemido
Ergueste n'asa de uma oração,
Na treva escura sempre envolvido
Porque soluça teu coração?

Levanta os olhos para o meu rosto
Que à vista dele foge o Desgôsto.

Não tenhas mêdo do sofrimento,
Ele é a escada do Paraíso...
Contempla os astros do Firmamento,
Dôces reflexos do meu sorriso.

.....
 Não será, de fato, desaprovação formal à filosofia da Dúvida,
 mais ou menos reinante àquele tempo ?

Em «HORTO», essa mesma nota, entre a mística e a dor, sente-se
 profundamente. No poêma predomina a angústia da pobre mártire,
 mesclada nos sentimentos, de esperança e consolação :

«Oro de joelhos, senhor, na terra
 Purificada pelo teu pranto...
 Minh'alma triste que a dor aterra
 Beija os teus passos, Cordeiro Santo !

O verso é de tocante simplicidade e, ao passo que lhe reflete a
 angústia íntima, o consôlo da fé deixa entrever a cada passo.

.....

«Levanta os olhos para o meu rosto
 Que à vista dêle fuge o Desgosto.»

.....

«E a sua boca falou tão doce,
 Como se a corda de uma harpa fosse.»

.....

«Estrelas lindas no Céu brilharam,
 Voltou-me o riso, já quase morto.»

É a maior parte do «HORTO» o documentário da sua dor e das
 suas orações.

Às vezes, diz :

«Teu nome santo, ó Maria,
 Tem a doçura inocente
 De uma carícia macia,
 De uma quimera dolente.»

Vezes outras, é o cicio de uma queixa :

«Nunca julguei que a terra fosse um túmulo
 De sonhos juvenis,
 Sorrindo, acreditei que, aqui no mundo,
 Podia ser feliz.»

Num passo. expressa arrebatamento místico, profundamente cristão :

«A chuva cai do Céu e o mundo é como um ermo,
Um deserto sem fim de onde emigrou sem termo,
Mas que me importa a treva, a escuridão sem termo,
Se eu sinto dentro em mim quem fez o sol — Jesús ?»
(pág. 44)

«Hora da Paz» é uma linda e rápida confissão de fé :

«Como é feliz a hora do descanso !
Quando sinto os meus olhos, manso e manso,
Morrendo para a luz...
Todas as dores da saudade esqueço.
Junto as mãos sôbre o seio e adormeço
Sorrindo para a Cruz...

Na pcesia «UM SONHO» AUTA sublimiza, em encantadora descricção, seu mundo psicológico :

Tudo era calmo... Junto ao pé do altar,
Meu coração rezava docemente.
E um círio branco, triste, a soluçar,
Dizia à flor num murmurar dolente:

«Vê, minha irmã, aqui, na solidão,
Dorme Jesús, sôzinho, abandonado...
Não sente palpitar um coração
Que lhe traga um sorriso abençoado

Ele diz : — Vinde a mim, vós que chorais
E o vosso pranto mudarei em flores;
Eu quero recolher os vossos ais
No cofre onde descançam minhas dores.

Fala Jesus e o mundo não responde :
Os homens folgam nos salões ruidosos,
E aqui, dorida, nossa voz esconde
A mágoa funda dos que vão chorosos.

Calou-se o círio, e a rosa entristecida,
Entreabrindo o cálice perfumado,
Murmurou, numa prece indefinida
De mãe que pede pelo filho amado:

«Quero o meu leito, aqui junto ao Sacrário.
 Minha tumba nos braços desta Cruz;
 É tão doce subir para o Calvário
 Beijando a terra onde pisou Jesús !'»

E depois... Quando a luz te consumir
 Cairão minhas folhas ressequidas.
 Outros círios e rosas não de vir
 Redizer nossas queixas doloridas».

Assim falou a rosa, e, desfolhada,
 Tombou, chorando, sobre a pedra fria.
 Da pobre vela reduzida ao nada
 O pranto apenas sobre o altar se via.

.....

Eu acordei... Uma tristeza infinda
 Lembrou do sonho a imaginária dor,
 E, do meu leito, eu escutava ainda
 Gemer o círio e soluçar a flor.

Eu, de mim, joia de igual quilate, não conheço, no cabedal da poesia feminina, no Brasil.

Força de sugestão, aprumo de forma, grau de sentimentalismo — tudo isso, ali, é manjar para o espirito.

Uma das partes em que se divide «HORTO» intitula-se o «CAMINHO DO SERTÃO».

Estravasa a Autora, nessas páginas, bucolismo delicado, mixto de religiosidade e lembranças doces, da infância, dos pais, dos lugares queridos, das crianças, a quem dedicava especial afeto.

Leiamos este soneto, com título semelhante: «Caminho do Sertão»:

Tão longe a casa ! Nem sequer alcanço
 Vê-la através da mata. Nos caminhos
 A sombra desce; e sem achar descanso
 Vamos nós dois, meu pobre irmão, sòzinhos !

É noite já. Como em feliz remanso
 Dormem as aves nos pequenos ninhos...
 Vamos mais devagar... de manso e manso,
 Para não assombrar os passarinhos.

Brilham estrelas. Todo o céu parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Que a noite ensina ao desespero e à dor...

Ao longe, a Lua vem dourando a treva...
Turíbulo imenso para Deus eleva
O incenso agreste da jurema em flor.

O soneto é um decassílabo sonoro, sentimental, cheio de notas vivas, de intenso colcrio, onde a alma sertanista freme em claros-escuros, fundidos em côres de crepúsculo e luar.

É de ver que o Romantismo inspirou a lírica suave, na composição do quatorzeto.

Contém vinte e cinco substantivos, que ao verso emprestam força descritiva e consistência.

Comove o coração e a alma comove poesia como «MEU PAI», seja pelo cunho de saudade, seja pela doçura do enredo :

«Veste de luto a minha pobre lira
E canta a endeixa da saudade eterna;
Toda minh'alma, trêmula, suspira
Cuidando ouvir a doce voz paterna.

Meu velho Pai! Ligeira como um'ave
Cruzando os céus à hora do sol posto,
Eu vi passar o teu perfil suave
Mas nem ao menos pude clhar teu rosto!

Então voltei-me para o grande Espaço
E perguntei à minha avó, sorrindo:
«Assim, às pressas, sem levar-me ao braço,
Porque vai ele para o Azul fugindo?!»

Ela beijou-me a fronte docemente
E a sua voz em lágrimas unvida,
Disse baixinho, dclorôsamente :
-- Vai ver no Céu a tua mãe querida. —

POSIÇÃO NAS CORRENTES LITERÁRIAS

Pergunta-se: a que corrente literária se filiou AUTA ?

AUTA foi um traço de união entre o Romantismo, em declínio, àquela altura do século dezenove, e o Simbolismo de Alphonsus e Cruz e Sousa.

Verdade é que, em sua obra, não se encontram interesses especiais por essa ou aquela escola de letras.

AUTA cantou e chorou, como cantam ou choram as aves dos sertões.

Saiu-lhe da alma a poesia, do mesmo modo que se rompe do casulo a borboleta.

«HORTO» é, mesmo assim, documentário feliz, onde se sentem os vóos de espírito da Autora, as ascensões adejantes entre o romântico e o simbólico da expressão.

Se o Romantismo é a abertura de horizontes à imaginação e o aproveitamento da côr local, da imagem-ambiente, — e o Simbolismo, segundo Mallarmê — é a sugestão, a evocação de objetos — a poesia de AUTA DE SOUSA contém êsses elementos, usados com inteligência e gôsto.

Tanto ali palpita a nota do Romantismo, quanto a do Simbolismo.

«HORTO» evoca e sugere, embala num suave bucolismo e faz a alma boiar no indefinido do ritmo e da expressão.

A graça do verso alia-se a graça do objeto evocado.

Por que assim agiu, escandiu AUTA beleza assim :

O «Ángelus» sôa. Vagarosamente
A noite desce, plácida e divina.
Ouço gemer meu coração doente
Chorando a tarde, a noiva peregrina.

Há pelo Espaço, um ciciar dolente
De prece em tórno da Igrejinha em ruína
Passaros voam compassadamente,
Treme no galho a rosa purpurina...

E eu sinto que a tristeza vem suspensa
Sôbre as asas da noite erma e sombria...
E que, nes'hora de saudade imensa,

Rindo e chorando desce ao coração:
Toda a duçura da melancolia,
Todo o confôrto da recordação.

Tenho certeza de que Luís Guimarães não se negaria a assinar um poema desse.

«Caminho do Sertão», «Noites Amadas», «Flor de Campo», «Ao Cair da Noite», «Crianças' — são tantas belezas outras, engrinaldadas pelos adereços do Romantismo, de que muito bem se serviu a poetisa, na tradução das suas dores físicas e morais, no interpretar

as paisagens do sertão, das madrugadas e dos luares, da profunda simpatia que às crianças votava.

Na obra de AUTA DE SOUSA há um soneto que, pelo poder de emoção, invejável delicadeza de sentimento semelha-se à tecitura de uma renda :

« ALMA DE MINHA MÃE » :

«Partiu-se o fio branco e delicado
Dos sonhos de minha'alma desditosa . . .
E as contas do rosário assim quebrado
Cairam como folhas de uma rosa.

Debalde eu as procuro, lacrimosa,
Estas doces reliquias do Passado,
Para guardá-la na urna perfumosa
Do meu seio no cofre imaculado.

Ai! se eu ao menos uma só pudesse
Destas contas achar que me fizesse
Lembrar um mundo de alegrias doudas

Feliz seria . . . Mas minh'alma atenta
Em vão procura uma continha benta :
Quando partiste m'as levaste todas!

Sente-se, na urdidura da peça, toda a alma da poetisa, em vibração de saudade da Mãe morta.

Armou a Autora as imagens do verso de finissima gase branca, de tal intensidade que, à menor tentativa de modificação, despedaçaria o cristal do soneto.

Simple a roupagem da frase, ressalta, assim, mais viva e palpitante a nota do humano no poema.

As páginas do «HORTO» enriqueceu-as AUTA de belezas, de expressão, delicadas imagens literárias, com que, a cada passo, nos encontramos.

Em «Ano Bom» canta :

«Hoje, começa o ano. Na alegria
De nívea pomba, quando nasce a aurora
Deixa, minh'alma, a tua fantasia
Subir, cantando, pelo espaço a fora» . . .

E assim termina :

«Que tudo venha sôbre mim cantando
O salmo doce da recordação,
Qual se pousasse um luminoso bando
De passarinhos, no meu coração»...

Encanta a sugestão desta estrofe :

«Pois é tão mansa a chama destes olhos
Envoltos na carícia do sorriso,
Que eu penso que teus cílios são abrolhos,
Abrolhos rodeando um paraíso»...

*

Merecem nota êstes dois versos :

«Neste mundo de lágrimas povoado
A Caridade pode estar num beijo!»

No soneto «Doente», é visível a inspiração de Shakespeare :

«Ela há de vir, Ofélia desmaiada,
Sob as núvens do céu na alvura infinda
Do seu branco roupão, noiva gelada,
Boiando à flor de um rio que não finda».

Ressôa, nesta estrofe de «Consôlo Supremo», halo de suave consolação :

«Se há noites frias, escuras,
Também há noites formosas,
Há risos nas amarguras,
Entre espinhos nascem rosas.»

Na bela pcesia «Crianças», esta pérola luminosa destaco :

«E, para não ficar tão só, tão louca,
Prêsa da Cisma em doloroso enleio,
Daí-me as cantigas que levais na bôca,
Dai-me as químeras que guardais no seio !

Canta, às vezes, o coração martirizado de AUTA DE SOUSA sons delicados entre gôsto e mágoa :

«Eu amo as minhas lembranças,
Minhas saudadas e dores,
Assim como amo as crianças,
os passarinhos e as flores.

À pobre criança, é o beijo...
É como o lírio ao nascer:
Um raio de sol implora
Para que chegue a viver.

E o raio do sol que damos
À pobre criança, é o beije...
O lábio que nós beijamos
Ressoa como um harpejo.

O pequeno passarinho
Esmola também o amparo :
Ai ! guardamos o seu ninho
Como o tesouro mais caro.

As flores — no vil degrêdo
Da terra — vivem um dia !
Vamos levá-las bem cedo
À doce Virgem Maria.

Terão assim melhor sorte
Quando forem a murchar...
As rosas querem a morte
Que as desfolha ao pé do altar.

Ai ! tudo que é fraco e triste
Precisa de amparo e luz...
E nada no mundo existe
Tão triste como uma Cruz.

E conclui a poesia repetindo a ideia inicial :

«Por isso adoro as lembranças,
As amarguras e as dores,
Assim como amo as crianças,
As andorinhas e as flores.»

Sabe compor quadros com muita graça :

«A lua mansa no Céu vagava
Como um barquinho n'água do rio...
E parecia que murmurava :
«No Céu formoso faz tanto frio !

Auta de Sousa expressou o problema pessoal da sua dor de maneira suave, simbolizando queixas e ideais fanados, gritos da alma

desconfortada, mas fortalecida pelo vinho bom da oração, sem usar, todavia, a musicalidade vocabular específica do Simbolismo.

È-lhe o verso diáfano, translúcido, como se Cruz e Sousa a inspirara e Alphonsus de Guimaraens lhe dirigira o canto de fé, marcado nos poemas com acentuado fulgor.

Empregou AUTA bastante o vocabulário característico do Simbolismo: boiar, luar, mistério, luz, lírio, onda, neve, morte, quimera, cisma, sonho, etc..

Paga a atenção de ouvir música e sugestão desta poesia :

« PÁGINA AZUL

No país da minh'alma há um rio sem mágoas,
Um rio cheio de ouro e de tanta harmonia,
Que se cuida escutar, no marulhar das águas,
Do sussurro de um beijo a doce melodia.

Este rio é o meu sonho, um sonho azul e puro,
Como um canto do céu, como um braço do Mar ;
Loira réstea de sol a rebrilhar no escuro,
Casta luz que cintila em tórno de um altar.

De um altar que palpita e que sofre e que sonha
Soletrando a cantar a linguagem do Amor...
Do altar do Coração a paisagem risonha
Onde brotam sorrindo as ilusões em flor.

Vem beber, meu amor, neste rio que é fonte,
E fonte de esperança e lago de quimera...
Vem morar num país que não tem horizonte
Onde não chora o Inverno e só há Primavera.

AUTA usa plangente sinfonia no mistério do luar, quando compõe:

«Quanta tristeza pela noite clara !
Quanta saudade pelo Azul boiando !
Cuida-se ouvir num dolorido chôrô
As preces tristes de um magoado côro
De almas penadas ao luar rezando.»

Toda angústia do coração, todo o imponderável dos sonhos escondê-os a donzela-poetiza nas dobras dos símbolos, e canta assim :

«Eu tenho um sonho que no Céu mora
Feito de luz e feito de amor,
Um sonho róseo como uma aurora,
Um sonho lindo como uma flor.

Eu vivo sempre, sempre sonhando,
 O mesmo sonho, de noite e dia,
 O mesmo sonho suave e brando
 De minha vida toda a alegria.

Quando soluço, quando minh'alma,
 Cheia de angústia, fica a chorar,
 O sonho amado me traz a calma
 E então minh'alma põe-se a rezar.»

A POÉTICA

AUTA DE SOUSA «não teve cultura vasta» — di-lo, com franqueza, o compositor da NOTA, apensa à edição de «HORTO» de 1910.

Estudou apenas até a altura dos conhecimentos humanistas de hoje. Jovem inteligente, porém, com aplicação, de certo, ressarciu a falta de não ter cultura vasta, . . . pois lhe não trai o verso ignorância em ponto de morfologia ou sintaxe e regras de estilo. Mesmo uma poesia em francês vê-se à página 251, sob o título latino «Agnus Dei».

Está correta a poesia, armada em moldes alexandrinos e versa sobre ascética.

Versejava AUTA sem preocupar-se muito com a rima. Estas caíam-lhe bem e formam a música da estrofe de modo delicado, dando melodia ao verso. Usa, com frequência, a rima rica e dispõe-na, indiferentemente. Certos vocábulos tornava-os próprios, à maneira dos simbolistas: Céu, Azul, Cisma, Dor, Templo, Cruz, Tabernáculo, Sol, Riso, etc..

Algumas vezes, confunde, no emprêgo, o demonstrativo êste por esse e vice-versa, e usa, sem poupança, os indefinidos **um, uma**, nas formas comparativas, mas isso não são mais que pequenas núvens esgarçadas e distantes no céu da poética de AUTA.

Da técnica alexandrina usou muito bem, o que, aliás, não aconteceu com muitos poetas, ao tempo.

Leia-se o soneto «ORAÇÃO DA NOITE»:

«Ajoelhado, ó meu Deus, e as duas mãos unidas
 Olhos fitos na Cruz imploro a tua graça.
 Esconde-me, Jesús! da treva que esvoaça
 Na tristeza e no horror das noites mal dormidas.

Maria! Virgem Mãe das almas compungidas,
 Sorriso no prazer, conforto na desgraça . . .
 Recolhe essa oração que nos meus lábios passa
 Em palavras de fé no teu amor unguidas.

Anjo de minha guarda, ó doce companheiro!
 Tu que levas do berço ao porto derradeiro
 O lúrido batel do meu sonhar sem fim,

Dá-me o scno que traz o bálsamo ao tormento,
 Afoga o coração no luar do esquecimento. . .
 Abre as asas, meu anjo, e estende-as sôbre mim.»

Analisêmo-lo: versos duodecassílabos, com hemistiquios certos. Soneto de sentido impetratório, não cai na rotina.

É leve, sonoro, de sons vocálicos ou fechados ou abertos. Tanto usa vogais que recordam saudade, luto — **esconde-me, compungidas, lúrido, dormidas**, como usa vogais abertas, que recordam luz, vida, esperança: — **ajoelhadas, graça, Maria, passa, fim, asas, derradeiro, batel, fé, bálsamo.**

A Autora tem razão: na angústia do sofrimento. experimenta, mesmo assim, a esperança e o consôlo da Fé.

Teria AUTA recebido também bafejos do Parnasianismo ?

Pois, além de versos alexandrinos, encontra-se neles, frequentemente, o proparoxítono.

Dou, como exemplo, êste mesmo «ORAÇÃO DA NOITE», onde há os térmos: **lábios, lúrido, bálsamo.**

CONCLUINDO

ANDRADE MURICY, no 2.^o volume da sua obra «PANORAMA DO MOVIMENTO SIMBOLISTA BRASILEIRO», à página 166, ao comentar sôbre HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUSA, à certa altura diz: «irmão da eminente e humilde AUTA DE SOUSA, a mais espiritual das poetisas brasileiras» . . .

Verdade. AUTA DE SOUSA — eminente, humilde e espiritual. Eminente — pelo lugar que ocupa na Literatura Nacional.

Humilde — pelo grau dessa virtude cristã que lhe inspirou a obra poética e foi-lhe arrimo e Cirineu na marcha dolorosa da vida.

Nos seus simbolos, no seu romantismo, e mais que isso, — no seu espiritualismo, deixou-nos a moça rio-grandense do norte, mensagem de singular doçura, que ainda hoje, lugar especial ocupa no concêrto das letras brasileiras.

MÁRIO LINHARES, atual presidente da ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, em «POETAS ESQUECIDOS», à página 13, alinha AUTA DE SOUSA no número desses, e comenta: «AUTA DE SOUSA continua sempre a viver, — vida melhor que a que teve na terra, nimhada de contínuo esplendor, sem os padecimentos de seus dias fugaces, acordando em nós novos pensamentos e emoções, dentro de um halo de ressurreição».

Fortaleza — 1955.